

Os trapalhões atacam novamente

Ricardo Noblat

O método original de administração do atual governo, que despreza soluções e privilegia a busca incansável de novos problemas, exibiu mais uma vez sua insuspeitada eficiência às vésperas da alegre viagem do presidente José Sarney à União Soviética — e do anúncio da inflação que ultrapassará neste mês a casa dos 26%. Na manhã de ontem, o Banco Central elevou, repentinamente, a taxa de over do 39 para 550%.



Pretendeu, com isso, encarecer o preço do dinheiro, enxugar o mercado e contribuir para que a inflação do próximo mês não supere os 30%, como se prevê. Conseguiu aterrorizar o mercado financeiro, fazer despencar as bolsas de valores e detonar uma crise dentro do governo que resultou na demissão de Juarez Soares, diretor da Dívida Pública do Banco Central. A crise ainda não foi superada.

No meio do fogo cruzado de telefonemas e de nervosas reuniões, o ministro Mailson da Nóbrega, da Fazenda, chegou a confidenciar para um amigo que iria largar o governo, que sua paciência se esgotara e que entregaria os pontos. Deve ter se arrependido depois. O ministro foi pego de surpresa pela iniciativa do Banco Central. Desconfiou que ela poderia encobrir uma manobra para provocar sua queda.

O presidente do banco, Elmo Camoês, não deve o cargo que ocupa a Mailson — deve a Sarney, de quem é amigo e compadre. Por isso, talvez, não se sinta obrigado a dar prévias explicações de seus atos ao ministro. Juarez Soares empurrou a taxa do over para o alto de comum acordo com Camoês — o contrário seria impensável. Soares caiu, Camoês ficou. Mailson está mais fraco e o governo... Ora, o governo. Que governo?

“Este governo não há de cair porque não é um edifício. Tem que sair com benzina, porque é uma nódoa”, escreveu Eça de Queiroz no seu livro “O Conde de Abranhos”. Eça falava, naturalmente, do governo da época em Portugal. Sarney assumiu a Presidência da República se dizendo impossibilitado de governar enquanto Tancredo Neves imovesse morrendo em um leito de hospital. Tancredo morreu.

Sarney continuou se queixando de não poder governar enquanto tivesse que dividir suas decisões com o deputado Ulysses Guimarães. Ulysses está vivíssimo. Com o ministério reformado e com o falso milagre do Plano Cruzado,

Sarney livrou-se da tutela do PMDB. Continuou reclamando de não poder governar porque a Constituinte ameaçava diminuir-lhe o mandato e desautorizar, mais tarde, todas as suas ações.

A Constituinte acabou. Se quiser, Sarney poderá, agora, se valer da desculpa de que a nova Constituição o impede de governar. A dissolução da Constituinte deixou o governo pendurado no ar. Simplesmente, não há governo, como já se sabia. Como o país chegará a março de 1990 sem correr o risco do retrocesso político, com uma inflação descontrolada e uma eleição presidencial pelo meio? Isso é que é preciso saber.

Por ora, o que se sabe é que o investidor Nagi Nahas ganhou ontem um bom dinheiro com a queda da bolsa.

Uso indevido — O ministro José Aparecido de Oliveira, da Cultura, está decidido a apurar com todo rigor o episódio da contratação de 44 novos funcionários pela Fundação Pró-Memória e da substituição, posterior, de quatro deles — um ato que feriu, claramente, a Constituição em vigor. A disposição do ministro é de demitir, se for o caso, os responsáveis pela violação da lei. “Não transigirei”, prometeu.

O presidente da Fundação, Oswaldo José Campos de Melo, concordou com o ato que assinou para contratação dos 44 funcionários, às vésperas da promulgação da nova Constituição. Quando o ato foi publicado no *Diário Oficial da União* do último dia 4, Campos de Melo descobriu que a lista original dos contratados sofrera alterações. Alguns nomes foram trocados por iniciativa de José Itapary, secretário-geral do ministério.

A respeito das alterações, Campos de Melo, mineiro e amigo do ministro, remeteu para José Aparecido um ofício denunciando-as. Anteontem, despachou outro ofício para o ministro — dessa vez informando-o de que seu nome fora usado no ato que autorizara a substituição de quatro dos 44 novos funcionários. Foi Itapary quem elaborou o novo ato e utilizou o nome de Campos de Melo para assiná-lo.

Itapary é maranhense, amigo íntimo do presidente José Sarney e ocupa o cargo de secretário-geral do ministério desde a época de Celso Furtado. Foi posto ali a pedido de Sarney — e a pedido dele permanece na gestão de José Aparecido. Alguém vai sobrar por causa da confusão criada. Que não seja o chefe do departamento do pessoal, nem algum contínuo, nem algum vigilante.

Avião da alegria — A comitiva oficial de Sarney à União Soviética reúne 154 pessoas, todas elas com despesas pagas pelo governo — ou melhor, pelos contribuintes. Só no final de semana, em Paris, a comitiva custará algo em torno de 80 mil dólares.